

CULTURA

Síntese

Qual é sua importância?

Com a chegada da *globalização* e o aumento do número de nações multiculturais, tornou-se imperativo estudar a relação entre o desenvolvimento das crianças e a cultura. Em sentido amplo, a *cultura* refere-se às atitudes, crenças e práticas compartilhadas por um grupo e transmitidas de geração em geração. As culturas *moldam* as experiências das crianças e o trabalho *intercultural* tenta estudar os processos por meio dos quais essas influências ocorrem.

Dois quadros de trabalho diferentes foram utilizados para estudar a relação entre a cultura e o desenvolvimento das crianças. O mais utilizado é o *quadro ético*, onde um método utilizado para medir um conceito, como a competência social, é presumido pertinente a todas as culturas. Um risco potencial associado a esse quadro de trabalho é a incapacidade de estudar outras definições desse conceito, mais pertinentes no plano cultural. Por exemplo, o “*ren*”, ou a benevolência paciente, é utilizado para definir a competência social na China, e é observado quando as crianças se desprendem dos confrontos no intuito de encorajar o adversário a mostrar autocontrole. Embora esse conceito seja diferente das conceituações da competência social nos países ocidentais, a distinção pode não ser reconhecida dentro do quadro ético. Este quadro pode também *perturbar* a difusão dos conhecimentos, das práticas e tradições locais utilizados para educar as crianças. Em contraste, o *quadro êmico* considera o significado de um conceito, uma prática e um princípio determinados para os membros de um grupo cultural e constitui um método mais imparcial para compreender como a cultura influencia o desenvolvimento das crianças.

Tendências culturais no sentido amplo foram categorizadas segundo as dimensões do individualismo e do coletivismo. O *individualismo* está relacionado às ideologias ocidentais sobre independência e competitividade, enquanto que o *coletivismo* se refere a dogmas do Sul e do Leste sobre interdependência e harmonia de grupo. Ainda que essas dimensões coexistam dentro das nações, admite-se que certas culturas são mais individualistas ou mais coletivistas que outras. O que permite aos pesquisadores compreender porque o mesmo comportamento ou a mesma prática não tem o mesmo significado entre as culturas.

O que sabemos?

A cultura exerce uma influência sobre diversos aspectos do desenvolvimento das crianças. As experiências de *aprendizado* de uma criança que vive em uma cultura sem sistema de educação oficial são moldadas pela sua participação ou sua observação dos adultos praticando atividades culturalmente pertinentes (por exemplo, na cultura camponesa tradicional maia, as meninas aprendem a tecer com suas mães). A cultura desempenha também um papel no *desenvolvimento sócio emocional*, estimulando ou desencorajando certos comportamentos. Embora a maioria dos conhecimentos atuais sobre desenvolvimento sócio emocional provenha de estudos realizados com crianças da América do Norte, há evidências de uma variabilidade cultural. Por exemplo, *brincadeiras de faz-de-conta* são muito menos comuns para as crianças de países orientais, como a Coreia, que para as crianças ocidentais. Quando as crianças de culturas orientais participam nesse tipo de brincadeiras, elas personificam normalmente um membro da família, e raramente fazem de conta que são personagens de contos de fadas.

Existem também diferenças de temperamento entre as culturas. As crianças em idade pré-escolar da Coreia e da China tendem a serem mais *ansiosas*, introvertidas e retraídas, e menos sociáveis que seus pares da Europa ocidental. Enquanto que, nas culturas ocidentais, o comportamento introvertido de uma criança está associado a um *risco* de relações complicadas com seus pares e de problemas de interiorização (por exemplo, solidão e depressão), essas dificuldades são muito menos frequentes em crianças de culturas orientais, embora novas pesquisas indiquem que crianças da *Índia* e da *China urbana* correm o mesmo risco. Essas diferenças podem ser explicadas pelo significado atribuído a esses comportamentos. Nas culturas do Leste Asiático, onde a harmonia de grupo é valorizada, uma criança introvertida é vista como socialmente competente, obediente e educada. Em contraste, uma criança introvertida é considerada nas culturas ocidentais como ansiosa e sem habilidades sociais.

As crianças de culturas que enfatizam a interdependência tendem a agir de forma menos agressiva e mais *pró-social* que as crianças de países onde a independência e a competitividade são valorizadas. Em comparação com as mães europeias ou americanas, um maior número de mães chinesas acredita que seus filhos devem agir de forma pró-social para se conformar às normas do grupo (por exemplo, se adaptar) e enfatizam o autocontrole como prática educativa. Independentemente da cultura, existe uma tendência *universal* das crianças pró-sociais e não agressivas serem preferidas pelas outras crianças.

O sentido da amizade difere também entre as culturas. Em países como Cuba e a Coreia, onde as *amizades* representam um indicador de sucesso, as crianças em idade escolar relatam relações mais estreitas com seus pares que as crianças norte-americanas. As crianças de culturas orientais utilizam também a indiferença para resolver conflitos com amigos, enquanto que as crianças ocidentais preferem negociar com seus pares.

Todos os países compartilham o desejo de promover o desenvolvimento das crianças, mas as culturas diferem quanto às suas convicções sobre os resultados que devem ser priorizados, como demonstram as diferentes versões nacionais de *Sesame Street*. Enquanto que o programa original da televisão americana foi elaborado para promover o aprendizado da leitura e da matemática, uma versão adaptada na Irlanda do Norte dedica a mesma porção de seu programa às ações pró-sociais, enquanto no programa *Rechov Sumsum* de Israel é enfatizado o respeito mútuo e a compreensão.

O que pode ser feito?

A importância da cultura exige que os profissionais e formuladores de políticas estejam ao par da cultura e do desenvolvimento das crianças. Essa questão é premente para os *países anfitriões*, onde atender as necessidades de uma população heterogênea de crianças imigrantes, diferentes no plano da *aculturação* (mudanças que resultam do encontro de culturas), representa muito mais que uma simples questão linguística. As *famílias imigrantes* deveriam também ser informadas sobre a forma que as diferentes ideologias podem contribuir para as dificuldades de seus filhos com seus pares no país anfitrião. Formar *alianças* positivas com famílias e comunidades constitui uma maneira de conseguir uma ótima adaptação para essas crianças. Deve-se validar criteriosamente aquilo que funciona *melhor* em um determinado ambiente e que deve refletir as necessidades de uma comunidade.

As pessoas que trabalham nessa área devem ter uma formação para serem *culturalmente sensíveis* e poder compreender o significado do comportamento de uma criança, e poder determinar se esse comportamento é normal ou problemático. Em alguns casos, os profissionais precisam utilizar uma abordagem totalmente exclusiva que inclui objetivos e condições adaptadas sob medida às *crenças e tradições locais*. Essas mudanças são suscetíveis de estimular os membros de uma comunidade cultural a participar da educação de seus filhos pequenos. Por exemplo, as *comunidades autóctones* do Canadá defendem uma grade curricular oficial que ensina às crianças sua história, descendência e papéis culturais. Da mesma maneira, elas sustentam que as crianças podem *aprender* melhor pelo incentivo à sua autoestima, enfatizando mais seus pontos fortes do que suas deficiências.

O *fortalecimento cultural* pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento das crianças pequenas, da mesma forma que a saúde mental e física. Assim, os *programas de intervenção* na primeira infância deveriam sempre ser flexíveis para poder se adaptar às diferentes culturas e permitir às famílias integrarem tranquilamente esses serviços na sua vida.